

“CORPO-BANDEIRA” COMO UMA POSSIBILIDADE PERFORMATIVA

PÂMELA FOGAÇA LOPES¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²;

¹Universidade Federal de Pelotas – pamela_fogaca@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

No presente texto, apresento o conceito de “corpo-bandeira”, utilizado em minha pesquisa de mestrado, com o nome provisório de “*Poner el cuerpo: Atos performativos de mulheres e dissidências latino-americanas*” (Bolsista Capes/2020). A dissertação está sendo orientada pela professora Carmen Anita Hoffmann e co-orientada pela professora Rosângela Fachel de Medeiros, desenvolvida no programa de Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, onde busco uma perspectiva ampliada sobre o campo da performance, seu levante e utilização em processos político-artísticos que questionam os ditames e violências relacionadas aos gêneros. Trato também de versar sobre a apresentação do conceito de “corpo-bandeira” aos alunos da Graduação em Artes Visuais, da mesma universidade, que ocorreu durante o estágio docente no componente curricular “Tópicos Especiais: Corpo”, ministrado de maneira remota, no semestre alternativo (01/2020) e regido pelas professoras Kelly Wendt e Martha Gomes de Freitas. Tratando, assim, deste conceito, e das dificuldades e estratégias tomadas por mim, para falar sobre uma ideia de performance que é gestada em condições adversas as regras de saúde e prevenção que devemos tomar neste momento, devido à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID 19), e isolamento social: um corpo performativo que nasce de um movimento coletivo, em ato político e feminista na rua.

O conceito do qual trato, é apresentado em “Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil”, pelas antropólogas e sociólogas, Carla Gomes e Bila Sorj. Elas abordam a “Marcha das Vadias”, como movimento expoente de expressão, para falar das diferentes gerações de feminismo no Brasil. A primeira marcha começou em Toronto, Canadá, depois que um seguranças de um campus universitário deu uma declaração onde dizia “(...) que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como *sluts* (vagabundas, putas, vadias)”(GOMES; SORJ. 2014, p. 437). A partir da repercussão dessa notícia, foram organizadas marchas em várias partes do mundo, o que tem sido também uma característica da última geração do movimento feminista, que utilizam-se de ferramentas-web para promover os protestos.

A “marcha das vadias” lida com um material, por assim dizer, que se relacionam com a acusação “-vadias”, e a transgride “pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público.” (GOMES; SORJ. 2014, p. 438). E é nesse sentido que se manifestam as questões de intersecção desses corpos, “não há política da identidade que não seja uma política da enunciação.” (PRECIADO; BOURCIER. 2001, p.37). As autoras ainda colocam algumas ações que se repetem em performances feministas: a celebração dos corpos, os questionamentos sobre padrões de beleza, a menstruação, a nudez. (GOMES; SORJ. 2014, p.438).

O conceito de “corpo-bandeira” é retomado em dois textos que falam da ligação entre performance e feminismo, um escrito por Brisa Rodrigues (mestra pelo PPGARTES/UERJ); e outro por Amanda Machado Madruga, docente de Artes Visuais Licenciatura da UFPel, na época, aluna especial deste programa e

pela professora Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (PPGAVI/UFPel). Os dois textos se coincidem em vários pontos, retomando o que Gomes e Sorj apontaram, sobre a autonomia dos corpos e das sexualidades; as buscas por representatividades, por uma visão própria sobre a história e também, a utilização da autobiografia pelas atuantes. Os textos defendem, assim como a minha pesquisa, as marchas e atos feministas como performances:

O *corpo-bandeira* é um corpo que apresenta suas particularidades e sentidos comuns a outros corpos, sendo ponto de vista e ao mesmo tempo objeto de visibilidade às causas pessoais. Nas manifestações feministas, muitas mulheres estão não somente reivindicando seus direitos, mas também criando objetos de arte, performances, imagens, palavras que se perpetuarão no tempo, para história. (RODRIGUES, 2017, p.48)

Assim como Brisa Rodrigues, Madruga e Weymar sublinham a experiência coletiva durante essas manifestações na rua, e apontam para uma reintegração dessas mulheres, em um sentimento de apoio e dignidade coletiva, uma rede que sustenta descobertas e expressões (MADRUGA; WEYMAR, 2018, p.11,12). Rodrigues ainda lembra, em relação a essa coletividade, a característica ritual da performance. Ela busca pelo caminho da antropologia, uma ideia carnavalesca e de comunhão entre os corpos, alinhadas ao conceito de *communitas* de Victor Turner e Schechner explica que o desenvolvimento dos estudos da antropologia da performance feitos por esses autores ocorreram nos anos 60 e 70, mesmo período de expansão dos movimentos de contracultura e grande período de manifestações feministas. Madruga e Weymar confirmam essas características, quando escrevem sobre o ato de pintar a pele, a sua e de suas companheiras, com palavras de ordem nas performances.(MADRUGA; WEYMAR, 2018, p.13).

2. METODOLOGIA

O “corpo-bandeira” é tomado em minha pesquisa, como um conceito operacional, aliado a uma teoria e debates sobre performatividade. Fundamenta-se na ação, a partir de uma abertura dos sujeitos para o que o seu corpo manifesta, o que ele enuncia; a experimentação de uma outra percepção e apresentação dessas expressões; de uma intencionalidade crítica e de pontos de encontro, de coletividades. Abordo também a feitura de um registro dessas ações, seja em foto, vídeo, escrita, ou qualquer outro meio de documentação.

Para a construção da aula, revisei o material bibliográfico sobre o termo e disponibilizei-o aos alunos. Gravei um vídeo apresentando o conceito, e falando brevemente de como o artigo em minha pesquisa. Deixei disponível alguns sites de artistas e vídeos de que pensei, poderiam suscitar reflexões sobre o tópico. Preparei, juntamente com minha colega de estágio, Andressa Cantergiani, dois exercícios: um que utilizamos em nossas práticas performativas, onde se devem descrever ações cotidianas criando uma espécie de programa; e outro, acompanhando o movimento dos outros professores e professoras em seus tópicos, de propor que apresentassem uma experimentação em foto, vídeo, escrita-performativa ou em alguma linguagem que já estavam familiarizados, e que se sentissem instigados, a partir do que havíamos discutido. Também tivemos dois encontros, onde pudemos debater sobre as produções a luz desse corpo teórico.

Portanto, a metodologia, parte de uma revisão e discussão do conceito; de exercícios práticos e da análise desse princípio em atos e performances de

artistas, bem como em meu próprio fazer artístico e também no dos discentes do estágio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo nessas performances teria “um duplo papel”, de acordo com as autoras revisadas, trazendo questões de autonomia, de liberdade, herança das reivindicações da segunda onda; e também seria o “instrumento de protesto, suporte de comunicação.” (GOMES; SORJ. 2014, p. 437)”. A noção dupla da performance levantada pelas mulheres em manifestações, como reivindicação e suporte, é tratado por várias autoras do campo, como por exemplo, Josefina Alcazár quando diz:

El cuerpo de la artista de performance es el soporte de la obra, su cuerpo se convierte en la materia prima con que experimenta, explora, cuestiona y transforma. El cuerpo es tanto herramienta como producto. El performance es un género que permite a las artistas buscar una definición de su cuerpo y su sexualidad sin tener que pasar por el tamiz de la mirada masculina. Al tomar elementos de la vida cotidiana como material de su trabajo, el performance permite que las performanceras exploren su problemática personal, política, económica y social. (ALCAZÁR, 2001, p.2)

Vimos, junto dos alunos e alunas, performances como: “*Burping Wonderwoman*” de Helena Tajado Herrera, onde a artista vai andando pelas ruas, entrando em lojas e restaurantes vestida de mulher-maravilha, e quando encontra ou é interceptada por alguém, diz “*wonderwoman!*” e solta um forte arroto, pondo em cheque a personalidade esperada da mulher e seu *rol* na sociedade; “*Quédate*”, de Regina José Galindo, onde a artista guatemalteca fica dentro de um carro, enquanto um grupo de jovens alemães dá golpes e balança o veículo, até que por fim soe um alarme de guerra, levantando questões sobre a violência aos migrantes e refugiados; “*Bombril*” de Priscila Rezende, especificamente observada no registro da “Oficina Identidade e Afrontamento: Ação realizada no Museu Capixaba do Negro - Verônica da Pas (Mucane)”, onde a artista realiza a ação de lavar bacias, panelas e talheres com o próprio cabelo, junto das participantes da oficina, manifestando questões sociais, da interseccionalidade de gênero e raça, denunciando racismos.

Alguns alunos e algumas alunas trouxeram essas questões políticas para seus exercícios, tocando em temas como raça, gênero, classe, divórcio, violência e identidade. A noção de corpo-bandeira caracterizou-se nessa experiência, como um forte engendramento entre a ideia e o que ela reverbera, o que se reforçou no isolamento social, a partir de um fazer em continuidade com a vida, de percepções comuns aos corpos isolados, sobre seus cotidianos, seus territórios íntimos, a realidade social e política de nosso país, assim como uma urgência de expressar e registrar essas percepções.

Apesar da sensação de esvaziamento causada pela interação por meio digital e de trazer um conceito eminentemente prático, sem poder estar presente para uma condução, acredito que através da apresentação dos trabalhos e do diálogo, pudemos criar um território de compartilhamento de expressões artísticas, impulsionadas por esse conceito. Destaco ainda, a percepção de um ensino aberto e contínuo, e um certo desviar da figura do professor como detentor

¹ Registro Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AGXeK5Car-U>. Online. Acesso em: 22/06/2020.

do conhecimento, na formação de uma rede de aprendizagem via espaço virtual, tal qual opera, muitas vezes a quarta geração do movimento feminista. E também, a exemplo da performance tomada a partir do ato de protesto, que desvia a figura do artista para as coletividades, e autoriza a arte feita pelas cidadãs e cidadãos.

4. CONCLUSÕES

A experiência de estágio foi importante, dentre muitos aspectos que poderia destacar, pois pude deslocar este conceito operacional, para um contexto educacional e artístico, onde outras pessoas puderam colocá-lo em prática a partir de suas próprias poéticas. O que sugere a potencialidade desse conceito, ao pensar em performatividades com as características de corpos políticos e de uma ação, ou de ações, com impulso coletivo.

Além disso, a aproximação com este conceito, tem apontado para noções de uma performatividade que nasce dentro dos movimentos de marcha, e que parte de uma experimentação do corpo, de subjetivação apoiadas na relação entre corpos, e com o espaço que se ocupa. Tais noções parecem estar em diálogo com a atuação de muitas mulheres artistas latino-americanas, como as que foram citadas nesse resumo. A pesquisa pede então, uma revisão que está em curso, dessas marchas e das artistas que trabalham com questões de gênero e performances no espaço público. Esta investigação vêm gerando um trabalho de arquivação e um material de símbolos, temáticas e ações com as quais começo a experimentar praticamente, gerando novas performances.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCAZÁR, Josefina. **Mujeres y Performance - El cuerpo como soporte.** Centro de Investigación Teatral Rodolfo Usigli, CITRU. México: 2001;
- GOMES, Carla; SORJ Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil.** Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014;
- MADRUGA, Amanda Machado; WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. **Corpos-Bandeira: O corpo como suporte da arte no movimento feminista dos anos 1960 até os dias atuais.** Revista Seminário de História da Arte ISSN 2237-1923 VOLUME 01, Nº 07, 2018;
- PRECIADO, Paul B; BOURCIER, Marie Hélène. Contrabandos queer. In: **Miradas sobre la sexualidad en el arte y la literatura del siglo XX en Francia y España.** Juan Vicente Aliaga, Ahmed Haderbache, Ana Monleón y Domingo Pujante (eds.). Universitat de València, 2001;
- RODRIGUES, Brisa. **O Corpo Bandeira - Sujeito Feminino, Objeto de Arte em Performance.** Revista Arte da Cena, Goiânia, v.1, n.1, p.43 - 54, 2017.